

■ RESENHA CONSCIENCIOTERÁPICA

A Roda da Vida

Ellen Quintela

Consciencioterapeuta, médica Anestesiologista, voluntária da Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC), ellencdq@gmail.com

Ermania Ribeiro

Consciencioterapeuta, farmacêutica-bioquímica, graduada em Psicologia, formação em Biossíntese, pós-graduada em Psicologia Positiva, voluntária da Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC), ermanij@hotmail.com

***A Roda da Vida*. Título original: *The Wheel of Life*. Edição: 1ª ed. 1998. Autora: Elisabeth Kübler-Ross. Edição brasileira: 2017. Tradução: Maria Luiza Newlands Silveira. Editora: Sextante.**

INTRODUÇÃO

Experiência. A redação deste trabalho foi motivada pela experiência das autoras com a apresentação do livro *A Roda da Vida* no Clube do Livro OIC, ocorrida no mês de fevereiro de 2019.

Objetivo. O objetivo é apresentar resenha crítica da obra *Roda da Vida*, de autoria de Elisabeth Kübler-Ross (1926–2004), a partir do olhar consciencioterápico sobre os fatos e parafatos da trajetória de vida narrada na obra.

Livro. O livro autobiográfico da “doutora da morte”, Kübler-Ross, médica psiquiatra suíça, radicada nos Estados Unidos, escritora e conferencista, narra a importância da vida e da morte enquanto ciclo natural e saudável, trilhado por toda conscin. A autora faz uma releitura das autovivências sob as perspectivas pessoal e profissional, já no final da carreira médica, aos 70 anos de idade.

Morte. Durante a vida profissional, a autora trouxe nova perspectiva sobre a morte e o morrer, dando para o final da vida e à própria morte significados importantes e singulares que fizeram grande diferença aos seus pacientes hospitalizados e à equipe de trabalho.

Humanização. A obra tem sido muito valorizada nas últimas décadas por professores e estudantes da área da saúde e para o processo humanização, dentro e fora dos hospitais, nos atendimentos a pacientes terminais e nos cuidados paliativos.

Paradoxo. Após escrever sobre a fase final da vida, e a importância de vivenciá-la com qualidade, no livro *Sobre a Morte e o Morrer*, o qual a deixou mundialmente famosa, passou a esclarecer, em *A Roda da Vida*, que a morte de fato não existe.

Pós-morte. Preocupada com a qualidade de vida dos pacientes em processo terminal da doença, defendeu uma forma nobre e respeitosa de encerrar o ciclo da vida. Elisabeth tornou-se defensora de uma *boa morte*. Após alguns anos atuando em contextos médicos e hospitalares, tendo experiências parapsíquicas com os ex-pacientes, passou a desdramatizar o fim da vida somática, relatando sobre a *vida após a morte*.

Estilo. Em *A Roda da Vida*, apresenta narrativa informal e dinâmica; uma autobiografia crítica, bem-humorada, realista e em alguns momentos dramática pelos conteúdos apresentados.

Estrutura. O livro tem 320 páginas e 40 capítulos, divididos em 4 partes organizadas na ordem cronológica das experiências de vida da autora, apresentadas abaixo:

1. **Primeira parte.** “*O camundongo*” ou os primeiros anos de vida.
2. **Segunda parte.** “*O urso*” ou o início da meia-idade.
3. **Terceira parte.** “*O búfalo*” ou o final da meia-idade.
4. **Quarta parte.** “*A águia*” ou os últimos anos de vida.

Animais. A divisão em quatro partes, representada por animais, denota características singulares da autora, neste caso, talvez por sua valorização da cultura indígena (p. 294), na qual animais eram usados como símbolos. Por exemplo, no capítulo 14, ela interpreta o sonho como uma retromemória “Sonhei que estava vestida de índia e atravessava o deserto a cavalo... Como uma voz interior, deu-me a sensação de que o desconhecido talvez fosse na verdade um regresso ao lar” (p. 112).

Fases. Esta resenha apresenta uma releitura da obra pelo viés consciencioterápico, abaixo expressa em itálico, a partir da analogia que a autora estabeleceu entre as fases da vida e os animais, valorizando os detalhes e sutilezas da manifestação da conscin Elisabeth Kübler-Ross.

FASE I – O CAMUNDONGO

Características. Animal pequeno, mamífero, roedor, doméstico, caseiro, inteligente e social.

Essas características podem representar a infância e juventude da autora, “ativa, travessa, inquieta e sempre à frente dos outros”. Nessa sessão é possível identificar, na descrição da autora, alguns traços de temperamento e valores manifestados.

Determinação. No capítulo introdutório, Elisabeth inicia com uma reflexão sobre o acaso, fazendo retrospectiva de sua vida, desde o nascimento em família europeia simples, onde “deveria ser boa e piedosa dona de casa”, até os últimos anos de vida, quando se identifica como uma “psiquiatra obstinada, escritora e conferencista, que se comunica com espíritos de um mundo onde acredita haver muito mais amor e glória do que o nosso” (p. 9 e 10).

Ela rompe com o desejo do pai e faz valer a autodeterminação, realizando sua missão de vida (programação existencial – proéxis).

Analiticidade. Defende a ideia de que nada na vida acontece por acaso, e que tudo o que lhe aconteceu, tinha que acontecer: nascer como trigêmea numa cidade Suíça, o trabalho com doentes terminais, a escrita e repercussão do livro *Sobre a Morte e o Morrer*, os seminários e viagens, a acolhida aos primeiros doentes de AIDS, a compra da fazenda para acolher crianças órfãs aidéticas, o incêndio criminoso da casa da fazenda e a mudança para o Arizona, onde aos 70 anos inicia a escrita do livro *A Roda da Vida*.

Esse pensamento sugere que ela possa ter tido proéxis planejada, com escolhas pré-ressomáticas.

Autorresponsabilidade. Fala sobre o nascimento junto às irmãs na condição de trigêmeas, o que considerava um grande peso psicológico para carregar, pois passou a vida inteira tentando entender quem era, por ser confundida com as outras duas irmãs. Porém, com mais maturidade, reconhece que essas condições familiares “tinham sido as que eu mesma escolhera para mim antes de vir ao mundo” (p. 21).

Esta assunção da autora mostra a autorresponsabilidade perante a necessidade de possíveis acertos grupocármicos, na condição de gemelidade, relação específica entre desafetos antigos, com afinidades e nova chance de recomposição.

Curiosidade. A família mudou-se para a “casa verde”, localizada na montanha, à beira de um lago. Elisabeth passava o dia ao ar livre, brincando e explorando o local. Descobriu um livro ilustrado sobre aldeias africanas e passou a querer uma boneca negra. Quando soube da exposição sobre a África no Jardim Zoológico de Zurique, fugiu de casa sozinha, para conhecer de perto essa cultura que tanto lhe chamava a atenção, deixando os pais apavorados.

Esta curiosidade mostra a relação da autora com o esboço da cognição cosmovisiológica da conscin intermissivista, considerando a África onde a vida humana e a Civilização Terrestre deram os primeiros passos, além de conectar o continente africano com a natureza, outra de suas preferências.

Telepatia. Na infância, teve pneumonia, experimentando os cuidados médicos pela primeira vez. A autora cita a frieza da sala de consultas, onde a opinião e sentimentos dos pacientes não eram considerados importantes. Foi internada em companhia de uma menina dois anos mais velha do que ela, com quem se comunicou através do olhar: “Era simplesmente uma espécie de transferência de pensamentos. Tudo o que tínhamos de fazer era abrir nossos olhos de criança para iniciar o fluxo” (p. 24).

Projetabilidade. Em momento que antecedeu a morte da amiga, teve uma conversa com ela “*fora do corpo*” e, quando se despediram, esta lhe disse que a verdadeira família estava do outro lado. Ao saber de sua morte, sentiu-se feliz, pois sabia que havia sido recebida por familiares do “outro lado”.

Além da projetabilidade lúcida, indica assimilação energética lúcida e compreensão acerca da procedência extrafísica.

Experimentação. A autora cita várias experiências marcantes sobre a morte, que lhe deram estofo e bons exemplos para os enfrentamentos futuros na carreira de Medicina. Eis, em ordem cronológica, 3 exemplos:

1. **Perda.** A experiência marcante com o coelho de estimação *Blackie*, decorrente da imposição do pai de o levar ao açougueiro para matá-lo, com o objetivo de fazer sopa para a família.

2. **Dignidade.** A morte em casa da colega da escola, por meningite, dando à família a oportunidade de cuidados especiais e despedida digna.

3. **Acolhimento.** A impressão positiva no fim da vida de um dos amigos do seu pai, que após sofrer queda da macieira e ser desenganado, foi liberado para morrer em casa, onde teve a oportunidade de se despedir dos familiares e amigos, o que Elisabeth considerou como “uma boa morte: em casa, cercado de amor e respeito, dignidade e afeição” (p. 37).

Antidogmatismo. Sobre religião, dizia: “Eu não tinha a menor intenção de me ligar à religião, mas o pastor me pediu que lhe dissesse minhas críticas à igreja. Enumerei-as uma por uma, desde o pastor R. à minha crença que nenhum Deus, e principalmente a ideia que eu fazia de Deus, podia caber entre quatro paredes ou ser definido por leis ou convenções criadas pelo homem” (p. 45). “Para mim, não havia nada mais divino ou que inspirasse a crença em algum poder maior do que a natureza, a vida ao ar livre” (p. 41).

Kübler-Ross explicita sobre o antagonismo às aulas de religião, principalmente pelo exemplo de seu professor, pastor protestante, que tratava mal os filhos, sinalizando Descrenciologia inata.

Criatividade. Ao terminar a escola secundária, sentia-se uma jovem séria e madura. “O que poderia ser melhor do que curar os doentes, dar esperança aos desesperados e aliviar as dores dos que sofrem?” (p. 46). Seu pai desejava que fosse secretária, guardalivros da empresa onde trabalhava. Elisabeth não cedeu, percebia que tinha inteligência criativa, reflexiva e uma natureza inquieta.

Evidencia aqui e em diversas passagens do livro sua interassistencialidade natural.

Coragem. Foi trabalhar na condição de secretária doméstica, enfrentando percalços, até conseguir um estágio no novo instituto de pesquisas bioquímicas, quando ficou feliz por ter o primeiro jaleco branco. Nesse estágio, ao ser questionada se colheria sangue de prostitutas em fase avançada de doenças venéreas, aceitou de pronto, surpreendendo seu chefe.

Assistencialidade. Desde essa época, Elisabeth já se interessava pelas histórias dos pacientes abandonados pelas famílias. Nessa mesma fase, com a guerra e a invasão dos refugiados, que eram acolhidos nos hospitais, trabalhou sem parar, limpando os doentes e dando atenção especial para as crianças.

Riscomania. Foi estimulada pelo seu chefe do laboratório, o doutor Weitz, a ir trabalhar na Polônia, acolher as crianças judias sofridas de guerra. Antes, inscreveu-se para ajudar os sobreviventes de outros países europeus devastados pela guerra, mesmo contra a opinião da sua família. Após esse trabalho, foi para a Polônia, apesar de ter sofrido na noite anterior uma queimadura grave na perna.

Aqui, a autora mostra o traçar, ainda arraigado, da Primatologia presente nas manifestações do subcérebro abdominal e dispersões da psicomotricidade.

Realismo. Ao conhecer o campo de concentração Maidanek, Elisabeth ficou impressionada com a capacidade de maldade do ser humano. Apesar da atmosfera pesada do lugar, chamou-lhe a atenção a existência de muitas borboletas desenhadas nas paredes pelos prisioneiros. Interessou-se em descobrir o significado dessas pinturas, e somente conseguiu desvendar anos mais tarde. Compreendeu que: “aqueles prisioneiros eram como meus pacientes terminais, que sabiam o que iria acontecer com eles. Sabiam que logo se tornariam borboletas. Ao morrer, estariam fora daquele lugar infernal. Logo deixariam seus corpos da mesma maneira que uma borboleta deixa seu casulo” (p. 192).

Obstinação. Após retornar de Praga, o pai a impede de entrar em casa, cumprindo a promessa de deserdá-la, caso ultrapassasse a *Cortina de Ferro*. Elisabeth, então, toma a decisão de ir morar com uma amiga do hospital. “Se aquele era o preço a pagar por fazer o que achava certo, em vez de fazer o que esperavam que eu fizesse, não tinha outra escolha além de ser tão ou mais obstinada que meu pai” (p. 92).

Com essa “obstinação”, quase autabsolutismo, inicia seu movimento de interdependência.

FASE II – O URSO

Características. Mamífero, de grande porte, forte, representa maternidade e aprendizado em algumas culturas indígenas.

Nessa fase, a autora se encontra na carreira profissional, conhece o marido, torna-se mãe e busca um sentido para a vida. Começa a valorizar o parapsiquismo e outros fenômenos como retrocognições, sincronidades e premonições.

Reconciliação. No outono de 1950, aos 24 anos, decide entrar para a escola de Medicina, conciliando os estudos com o trabalho para se manter independente. Também recebe ajuda da irmã e do cunhado para pagar a taxa de inscrição da prova, *pessoas-chave da sua proéxis*. Ao passar no exame, às vésperas do aniversário do pai, deu início ao processo de reconciliação de ambos, enviando-lhe os parabéns e a notícia de ter passado em Medicina.

Fraternismo. Kübler-Ross sentia-se bem em poder ajudar ouvindo, se conectando com a necessidade de escuta dos pacientes e também em poder confortar, com mensagens de sensibilidade e amor: “Na realidade, a maior satisfação de meu início de carreira como médica, não era trabalhar na clínica ou atender a doentes em suas casas, mas visitar pacientes que precisavam de um amigo, de palavras reconfortantes ou de algumas horas de companhia” (p. 110).

Retrocognição. Após breve experiência médica em seu país, mudou-se com o marido para os Estados Unidos, embora sua vontade fosse ir trabalhar com cirurgia na Índia, por seis meses. Na noite anterior à chegada nos EUA, teve um sonho: “Sonhei que estava vestida de índia e atravessava o deserto a cavalo. Em meu sonho, o sol estava tão quente que acordei com a garganta seca” (p. 112). Lembrou-se de quando era pequena e gostava de desenhar escudos e símbolos de índios e gostava de dançar como guerreiro em cima de uma pedra achatada.

Percebe que o sonho não era acaso e que retornar para os EUA poderia significar regresso ao lar, indicando processo de vida passada ligada aos índios, o que se confirma mais à frente na vida.

Inovação. Ao entrar para residência médica de psiquiatria, decidiu e posicionou-se que encerraria com o que chamou de “pesadelo num manicômio” e a maneira de funcionamento da clínica psiquiátrica. A partir daí, conseguiu acabar com as punições mais violentas e dar alta a 94% dos pacientes esquizofrênicos incuráveis, para que pudessem levar vidas produtivas e independentes, fora do hospital.

Pesquisística. A experiência com pacientes esquizofrênicos mostrou-lhe que havia um poder de cura além das drogas e da ciência. “Durante minhas consultas, sentava nas camas, segurava a mão das pessoas e conversava por horas a fio. Aprendi que não havia uma única pessoa moribunda que não ansiasse por amor, por um contato físico ou uma forma de comunicação. Pacientes que estavam morrendo não desejavam ficar a uma distância segura de seus médicos. Precisavam desesperadamente de sinceridade” (p. 129).

Tanatofobia. Descobriu que os médicos tinham o hábito de evitar fazer referência a qualquer coisa que estivesse relacionada à morte. Os moribundos eram deixados de lado e desrespeitados, com o que não concordava. Percebeu que seu diferencial era ter passado pela experiência de assistência na guerra e pela maternidade.

Neste momento, começa a mostrar os primeiros traços de recuperação de unidades de lucidez (cons), evidenciando a inteligência evolutiva através do reconhecimento da existência de outras dimensões conscienciais.

Missionato. Apesar de sentir-se realizada e adaptada à nova cultura nos EUA, sentia uma inquietação: “uma sensação interior de que, apesar do casamento e da maternidade, eu não estava estabelecida na vida” (p. 134).

Abertismo. Ao ser convidada para substituir o professor Margolin, um orador cheio de vivacidade e animação que atraía as maiores plateias da escola, Elisabeth se assustou; sentia-se tímida e insegura para aquela função. Ao preparar as aulas, descobriu que assunto sobre a morte interessaria a todos, por ser o maior mistério da medicina e o maior tabu.

Cientificidade. Não encontrando livros sobre esse tema na biblioteca da Universidade, chegou à conclusão de que não havia espaço para a expressão dos pacientes moribundos, estimulando-a a levantar o assunto entre os estudantes. “Minha tese era uma ideia simples; para os médicos, seria muito mais confortável lidar com a morte se eles a compreendessem melhor, se simplesmente falassem sobre o que é morrer” (p. 139).

Persistência. Utilizou a primeira hora da aula para a exposição de teorias e, na segunda parte, a paciente Linda se dispôs a falar como se sentia em relação ao seu estado terminal. Assustados, os alunos não sabiam o que perguntar. Explicou-lhes que as reações estavam relacionadas à admissão da própria mortalidade, da fragilidade das próprias vidas. “Havia muito o que se aprender com a vida escutando os pacientes terminais” (p.143).

Workaholism. A autora não estabelecia limites quanto à carga horária de trabalho, era muito dedicada e ao final da vida, percebe esse erro. “Minha vida era um espetáculo de equilíbrio que teria assustado Freud e Jung” (p. 150).

Neofilia. Gostava de trabalhar com os estudantes de medicina, achava que eles tinham mais abertura e interesse em discutir novas ideias, opiniões, atitudes e projetos de pesquisa. Observou que a equipe de saúde evitava o assunto da morte. “Na mente de um médico, a morte significa outra coisa. Significa colapso, falência, declínio” (p. 152).

Criticidade. Para Elisabeth, a verdade sobre a morte é sempre a melhor opção. “Naquele hospital moderno, a morte era um acontecimento triste, solitário e impessoal. Os pacientes terminais eram encaminhados para os quartos dos fundos” (p. 152 a 153).

Foi uma médica diferente, sempre guiada pelo senso crítico e temperamento determinado.

Tecnicidade. Procurou desdramatizar a “morte” como algo ruim, doloroso, fracassado; mostrou que morrer fazia parte do viver. Enfatizou a necessidade de saber lidar com as doenças de modo técnico, científico, sem distanciamentos ou inverdades. “Quando não se tem uma boa vida, aí incluídos todos os momentos finais, não se pode ter uma boa morte” (p. 153).

Interdependência. Ressaltou que ninguém evolui sozinho e que somos interdependentes, não precisamos de gurus especiais para evoluir, basta estarmos atentos ao nosso entorno e aos pedidos silenciosos de ajuda ao outro. “Nenhuma teoria ou ciência do mundo ajuda tanto uma pessoa quanto um outro ser humano que não tem medo de abrir o coração para seu semelhante” (p. 157).

Reciclagens. Procurou mostrar, a partir dos exemplos dos pacientes, que embora a morte estivesse próxima, ainda assim a vida teria um objetivo, que haveria uma razão para viver até o último suspiro. E ao analisar os efeitos desses exemplos, também pôde observar as diversas outras reações, que muitas vezes eram marcadas por hostilidades, defesas, medos e ignorância. “Todos nós aprendíamos o que devíamos ter feito de outra maneira no passado e o que poderíamos fazer melhor no futuro” (p. 159).

Cientificidade. Deixou claro seu posicionamento frente às religiões e a necessidade de não misturar a cientificidade com a teologia. Sobre o conceito de pecado, disse: “para que serve, além de promover sentimentos de culpa e de medo? Só o que faz de construtivo é dar clientes aos psiquiatras” (p. 164).

Buscou associar ideias sobre a morte e o morrer, unindo a cientificidade ao espiritualismo, trabalhando com mente, emoções e corpo físico em conjunto.

Cosmoética. Percebeu os incômodos da vida vazia: “Mas eu tinha a impressão de que estava tudo perfeito demais para estar certo” (p. 170).

Demonstrou inquietação do não aproveitamento cosmoético do viver.

Premonição. Em virtude de ter adquirido maior conhecimento, admitiu, anos mais tarde, a vivência do fenômeno parapsíquico da precognição de sua mãe. Na ocasião, cerca de três dias depois de solicitar à autora que não a deixasse viver caso tivesse alguma doença incapacitante, sua mãe sofreu um acidente vascular cerebral, AVC. “Era evidente que tivera uma premonição, porque se transformara na imagem perfeita do que temia” (p. 176).

Evolutividade. Acreditava que as pessoas precisavam aprender as lições necessárias para crescer, e que “a vida termina quando acabamos de aprender tudo o que temos para aprender” (p. 176).

Apesar de ter ideias avançadas para a época em relação à vida e à morte, tinha suas limitações. Contudo, considerando a escala evolutiva, ainda desconhecemos o que há além da consciex livre.

Voluntariado. Era voluntária em diversas organizações, como por exemplo o Corpo de Paz (*American Peace Corps*) e o Instituto *Lighthouse* para cegos. Entendia “que a vida era um desafio, não uma tragédia” (p. 178).

Valores. Apesar de escrever *sobre a morte e o morrer*, trabalhar com doentes terminais, aprendeu com as experiências e com os pacientes “que todas as coisas que têm verdadeiro significado, não são para morte, mas para a vida” (p. 183).

Antiegoísmo. Procurou desdramatizar o conjunto de crenças e apriorismos com relação à morte e ao morrer. E, mesmo querendo melhorar as condições pré-dessoma, teve muitos contrafluxos devido à disputa de egos. Apesar dos holofotes sobre si, seu maior interesse nunca deixou de ser os pacientes.

Multidimensionalidade. Durante boa parte da vida, mostrou curiosidade sobre “para onde ia a vida” (p. 191). Realizou diversos experimentos e buscou várias abordagens tentando definir a morte.

Expôs seu abertismo com relação à multidimensionalidade, sem apriorismos.

FASE III - O BÚFALO

Características. Animal rústico, resistente, de fácil adaptabilidade, com boa capacidade produtiva.

Representa uma fase em que a autora precisou ser firme, resistir aos percalços profissionais, familiares, conjugais e nas relações sociais.

Experimentologia. Apresentou pesquisas inéditas na década de 1970 sobre o fenômeno da EQM.

Enfatizou o Princípio da Descrença e mostrou posicionamento firme nas abordagens tarísticas com relação à Experimentologia.

Amparabilidade. Vivenciou a experiência que mudaria sua maneira de pensar sobre as definições da morte ao interagir com consciex amparadora, ampliou a cognição para o entendimento da vida após a morte (p. 201).

Holossomática. Detalhou o rito da morte em cinco estágios a partir de pesquisas, e com isso, ressaltou a importância da responsabilidade perante a vida, do livre-arbítrio, das escolhas e da interassistência. “Quais serviços você prestou” (p. 216).

Pareceu enxergar que a doença não se restringe ao soma, que muitas vezes, as piores doenças estão centradas no psicossoma.

Autorreflexão. Aprendeu a necessidade do perdão para viver uma vida de qualidade e para isso, precisou refletir sobre seus incômodos. “Analisei o que poderia ter causado aquela explosão” (p. 219).

Interassistencialidade. Compreendeu a importância da interassistencialidade e da necessidade de se permitir ser assistida, valorizando o autocuidado.

Com esse pensamento e evocações sobre o tema, promoveu o primeiro encontro com seu amparador extrafísico.

Sincronicidades. Passou a valorizar as sincronicidades e o parapsiquismo, tornando-se mais observadora e conectando fatos e parafatos. “Lembrei de mim mesma que nada acontece por acaso” (p. 231).

Parapsiquismo. Também começou a aguçar a criticidade em relação aos experimentos mediúnicos e com isso, passou a desenvolver o parapsiquismo (sexto sentido) com maior discernimento.

Pensenidade. Um esboço sobre a pensenidade e sua importância surge no momento em que ela começa a ampliar a lucidez parapesquisística. “Todas as opções que fazemos a cada momento, quando falamos, agimos ou pensamos, são terrivelmente importantes. Cada opção afeta todas as formas de vida do planeta” (p. 234).

Autonomia. Começou a perceber a realidade de governar-se pelos próprios meios, sem intermediários ou muletas. E assim, usando apenas a vontade determinante, experimentou o fenômeno da materialização extrafísica.

Multidimensionalidade. Avançou em suas pesquisas e deu o primeiro passo na abordagem e esclarecimento sobre a vida após a morte. Passou a ter um maior contato com relatos onde “inúmeras pessoas deixavam seus corpos e viajavam em direção a uma luz intensa” (p. 239).

Holomemória. Compreendeu que “grande parte da vida consiste em descobrir aquilo que já conhecemos” (p. 241).

Nessa etapa sugere um resgate dos compromissos intermissivos e reativação da holomemória a partir da recuperação de cons.

Extrafísico. Vivenciou a primeira volitação extrafísica mais lúcida, admitindo o poder da vontade para realizar novas experiências extrafísicas e possível experiência paracirúrgica (sofreu trauma físico grave por intoxicação com aranha viúva negra).

Possivelmente tenha recebido uma moréxis para continuar seus trabalhos assistenciais.

Autexperimentação. A partir do primeiro contato com a literatura sobre experiências extracorpóreas, de Robert Monroe, manifesta maior desenvolvimento e mais intimidade com o parapsiquismo, passando a ficar mais atenta às energias dos ambientes e à presença de consciexes. Também experimentou alguns fenômenos como projetabilidade lúcida, autoscopia interna, clarividência viajora, estado vibracional, clariaudiência e cosmoconsciência.

Autocura. Expandiu o trabalho de promoção da cura psicológica, física e espiritual através da prática do amor incondicional, estimulando também, com o autescarcimento, o crescimento pessoal alheio (p. 253).

Autenfrentamento. Vivenciou alguns contrafluxos durante a transição do seu trabalho assistencial e chegou a questionar se valeria a pena continuar. “Há em cada um de nós um potencial para a bondade que é maior do que imaginamos; para dar sem buscar recompensa; para escutar sem julgar; para amar sem impor condições” (p. 268).

FASE IV - A ÁGUA

Características. Animal de grande acuidade visual, sobrevoa e pode observar grandes paisagens.

Representa uma fase da autora onde consegue enxergar de cima as experiências da sua vida, e interpretá-las sobre o prisma da sabedoria, trazendo sentido evolutivo a cada uma delas.

Autocognição. Mudou-se para *Healing Waters*, o que lhe despertou a sensação de ter novamente uma missão, apesar de ainda não saber qual seria (p. 276).

Assistência. A partir de entrevistas relatadas em outro livro de sua autoria; *Aids: o desafio final*; o Departamento de Justiça dos Estados Unidos iniciou uma investigação sobre as condições de vida dos presos portadores de HIV em todas as prisões (p. 276).

Aglutinadora. Em uma situação envolvendo crianças portadoras de HIV, diante da ausência de apoio e da impossibilidade de obter as licenças de zoneamento indispensáveis, Elisabeth teve a ideia de buscar outras pessoas que as acolhessem. Também organizou recursos para que todos pudessem ajudar e recebeu apoio externo, criando um projeto que existe até os dias de hoje, chamado *Names Project Foundation*, que visa lembrar as vítimas da Aids e arrecadar fundos para organizações de assistência aos portadores do vírus (p. 285).

Doação. Em julho de 1990, foi inaugurado o Centro Elisabeth Kubler-Ross. Nesta época de maior compreensão da essência de seu trabalho, afirmou: “*havia uma missão em minha vida, que estender a mão e dar aos outros é para que serve a vida*” (p. 298).

Resiliência. Em outubro de 1994, quando retornou de uma viagem, encontrou sua casa consumida pelas chamas. Vivenciou cada um dos cinco estágios da perda, os quais havia definido anos antes. Refletiu sobre o que iria fazer: “desistir?” Chegou à conclusão que “não” e assumiu que “esta é uma oportunidade para crescer e que não se cresce quando tudo está perfeito. Mas a dor seria uma dádiva com um objetivo” (p. 305).

Autodesassédio. Nos últimos estágios que antecederam sua morte, Elisabeth entendeu que de acordo com sua “consciência cósmica”, precisava deixar de lado a amargura, a raiva e o ressentimento por sua situação e aprender sobre paciência e submissão, além de dizer sim a essa “espécie de fim da vida”. Poderia partir, viver num lugar melhor e ter uma vida melhor. Mas como sabia ser muito teimosa e rebelde, aceitou que teria de aprender suas lições finais da maneira mais difícil. “Nossa única finalidade na vida é crescer. Nada acontece por acaso” (p. 313).

Autovalorização. Aos 71 anos, ainda lúcida e produtiva com as ideias, reconheceu ter vivido de verdade. “Depois de começar como uma coisinha insignificante de menos de 1kg que não se esperava que sobrevivesse, passei a maior parte de minha vida lutando contra as forças gigantescas, do tamanho de Golias, da ignorância e do medo. Não foi fácil, essa última lição de paciência” (p. 314).

Autorreflexões. Eis, em destaque italizado e listadas em ordem alfabética, 13 reflexões finais de Kubler-Ross, decorrentes do aprendizado, a partir dos autenfrentamentos vivenciados:

01. *A lição mais difícil a aprender é o amor incondicional.*
02. *A morte é apenas uma transição da vida para uma outra existência onde não há mais dor nem angústia.*
03. *A morte não existe.*
04. *As maiores bênçãos vêm sempre do ajudar aos outros.*
05. *A única coisa que vive para sempre é o amor.*
06. *A única finalidade da vida é a oportunidade para crescer.*
07. *Meu desejo é que você dê mais amor a mais pessoas.*
08. *Não podemos curar o mundo sem nos curarmos primeiro.*

09. *Ninguém morre sozinho.*
10. *Procurem conhecer a si mesmos e encarar a vida como um desafio em que as escolhas mais difíceis são as mais elevadas.*
11. *Se você está preparado para as experiências espirituais e não tem medo, você as terá. Não precisa de nenhum guru ou Baba para lhe dizer o que fazer.*
12. *Todas as pessoas vêm da mesma fonte e retornam à mesma fonte.*
13. *Tudo é suportável quando há amor.*

PONDERAÇÕES FINAIS

Trafores. A autora apresentava vários trafores evidenciados em boa parte da autobiografia: assistencialidade, autodeterminação, intelectualidade, parapsiquismo, antidogmatismo, criatividade, coragem, persistência e neofilia.

Trafares. É possível observar, em suas manifestações, trafares relacionados ao vício em cigarro, *workaholism*, riscomania e traços de temperamento místico-religioso.

Autoconsciencioterapia. Observa-se, na narrativa da autora, um desenrolar natural do ciclo autoconsciencioterápico no decorrer da vida, a partir da ampliação do autoconhecimento e autenfrentamento da raiva, impaciência e dispersão, manifestando indicadores de autossuperação pelo perdão, valorização da interassistencialidade e maior compreensão do fluxo da vida.

Ciclo. A fase do ciclo multiexistencial pessoal parece ser de transição entre a vitimização e a recomposição.

Compléxis. Ao evidenciar maior nível de assistencialidade, empatia e autocompromisso com a saúde dos pacientes, é possível considerar a hipótese de compléxis em seu missionato, sendo provável alguma de curso intermissivo após a dessoma.

Assistência. Vale ressaltar, que durante o período de leitura e debate da obra no Clube do Livro OIC, as autoras desta resenha perceberam suposta presença e assistência à consciex Elisabeth Kubler-Ross, assim como ao trabalho realizado com a temática da Dessomatologia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. **Kübler-Ross**, Elisabeth; *A Roda da Vida (The Wheel of Life)*; Tradução de Maria Luiza Newlands Silveira; 320 p.; 4 partes; 40 caps.; *Editora Sextante*; Rio de Janeiro, RJ; 2017.